



# **A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL**

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva  
Fernando Bomfim Mariana  
Maria da Conceição da Silva Freitas  
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)  
Universidade de Brasília (UnB)  
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

## Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: [www.ceam.unb.br](http://www.ceam.unb.br)

E-mail: [nestra@unb.br](mailto:nestra@unb.br)

## Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.  
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19  
NO DISTRITO FEDERAL  
coletânea de depoimentos e outros escritos

# A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



*À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** – 4

**PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO** – 7

*Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*

**CAPÍTULO 1:** Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

*Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva*

**CAPÍTULO 2:** O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

*Ana Cláudia Costa Medeiros*

**CAPÍTULO 3:** Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

*Anita de Oliveira Ventura*

**CAPÍTULO 4:** O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

*Carla Micheline Campos da Silva*

**CAPÍTULO 5:** Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

*Débora A. Felipe*

**CAPÍTULO 6:** Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

*Edvaldo Medeiros de Souza*

**CAPÍTULO 7:** Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

*Fernanda Cavalcante e Keila Andrich*

**CAPÍTULO 8:** O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

*Hellen Andrade Lima*

**CAPÍTULO 9:** Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

*Ivanilde Silva*

**CAPÍTULO 10:** A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

*Jesica Barbosa Dantas*

**CAPÍTULO 11:** Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

*Jéssica Morrone de Oliveira Paes*

**CAPÍTULO 12:** A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

*Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva*

**CAPÍTULO 13:** Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

*Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana*

**CAPÍTULO 14:** Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

*Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva*

**CAPÍTULO 15:** Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

*Marina Cantanhêde Rampazzo*

**CAPÍTULO 16:** O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

*Maristela Pereira de Sousa Severo*

**CAPÍTULO 17:** Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

*Michele Miranda*

**CAPÍTULO 18:** Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

*Nádia Lopes dos Santos*

**CAPÍTULO 19:** Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

*Patrícia Miranda Chaves dos Santos*

**CAPÍTULO 20:** Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

*Vera Lúcia Bezerra Cândido*

**CAPÍTULO 21:** A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

*Zenilda Martins*

## CAPÍTULO 3

### TRABALHO DOCENTE E O PEDAGOGO-ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL: ORIENTAR DESENVOLVENDO AUTONOMIA DE ESTUDOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

*Anita de Oliveira Ventura*

A autonomia é algo que se constitui ao longo da vida, no entanto, é preciso que o professor ou o Orientador sejam os intermediários desse amadurecimento e da construção da autonomia pelo estudante. Como dito por Máisa P. Pannuti em artigo para a Gazeta do Povo:

Em meio à experiência que o mundo todo está vivendo, ainda não é possível mensurar o impacto do distanciamento social em nossas vidas, dada a complexidade desse fenômeno e a incerteza do que nos aguarda. É fato, porém, que o estresse, a ansiedade, o medo e a angústia são sentimentos que, em maior ou menor escala, muitos de nós estamos experimentando, muitas vezes de forma inconsciente, mas que se expressam em momentos de agitação, raiva e impaciência.

De maneira abrupta, nossas relações foram transformadas, a fim de que possamos lidar com esse inimigo que, invisível a olho nu, em nossa mente é representado como o símbolo do perigo. Mas, o que podemos aprender com essa experiência? E as crianças? E os jovens? Como será que percebem e lidam com essa situação? Para isso, vale a pena refletir sobre dois aspectos: a resiliência, que é a capacidade que desenvolvemos em nos adaptar a situações adversas; e a forma como temos educado nossas crianças. (...)

O momento sugere uma reflexão a respeito de como estamos educando nossas crianças e jovens. Não é sem preocupação que temos verificado a dificuldade de alguns em relação à imposição de limites e de responsabilidades aos filhos. Muitos têm se eximido dessa árdua tarefa de impor restrições a eles, o que, inevitavelmente, trará frustrações. Ora, mas um aspecto fundamental que deveria ser considerado é que a família é o espaço mais protegido para a criança frustrar-se e sofrer, pois é o local mais cheio de amor.

Educar uma criança não se restringe a proporcionar oportunidades para que aprenda e desenvolva competências para um futuro promissor, mas, sim, consiste em desenvolver sua autonomia para que tome boas decisões, o que implica levar em conta o outro, respeitar e ter valores morais sólidos. Qual seria então o papel da frustração no desenvolvimento,

uma vez que aprender a se colocar nesse mundo, que é muito complexo, exige uma estrutura emocional que sustente todas as inúmeras adversidades a serem vividas? Se o estudante não aprender a lidar com as inevitáveis frustrações que a vida nos impõe, é possível que tente, na idade adulta, outros subterfúgios para sentir-se bem. (PANNUTI, 2020).

Amaral e Martinazzo (2008), ao tratarem sobre autonomia destacam que Kant “observa que o sentido de autonomia deriva da capacidade racional do homem. O ato emancipatório do homem, capaz de livrá-lo da dependência e da tutela de outrem e de fazê-lo assumir uma posição autônoma perante a vida, só pode ocorrer pela via do esclarecimento”. Nesse sentido,

a educação traz em si a força e o papel de formar o homem”. Sem educação o homem não se constitui como tal. Os seres humanos ao nascerem possuem uma capacidade inata para pensar e precisam desenvolvê-la pelo processo de educação. O ser humano deve apoiar-se em sua própria razão para se tornar livre e autônomo. Assim sendo, o objetivo principal da educação deve ser educar pelo uso e exercício da própria razão na busca de alcançar a autonomia. (AMARAL; MARINAZZO, 2008).

Sobre o ambiente escolar destacam:

O ambiente escolar deve oferecer oportunidades de exercício de conquista da autonomia, entendida como uma compreensão do impulso, pessoal construída cotidianamente por meio do aprendizado de vivências ricas de inter-relacionamentos e de desafios reflexivos, que pressupõem um repertório de diversidades culturais. As práticas que contemplam e promovem a diversidade cultural, étnica e religiosa podem resultar em promoção da dignidade humana se levarem em conta princípios que contemplem o nosso ser complexo. (AMARAL; MARINAZZO, 2008).

A autonomia nesse contexto é de real importância para o desenvolvimento e crescimento humano. “O sujeito que participa em processos argumentativos tem que ser um sujeito autônomo e racional, ou seja, um Eu reflexivo” (BANNEL, 2010).

A autonomia em todos os aspectos da existência é fundamental para que cada ser humano, seja capaz de ir em busca de seu conhecimento e sua ampliação das possibilidades de forma autônoma. O direito e as garantias representam avanços para as crianças, que passaram a ser vistas como sujeitos de direitos, tendo em vista que a autonomia é conquistada via esclarecimento. A promoção da aprendizagem tem na educação o exercício que abre possibilidades de tornar os sujeitos mais livres, conscientes e soberanos. A promoção do conhecimento, bem como do autoconhecimento propicia a formação de indivíduos livres,

autônomos, responsáveis e que poderão exercer melhor sua capacidade de escolha.

Os direitos das crianças servem para assegurar seu integral desenvolvimento, fazendo-se necessário sua existência, principalmente, quando nos deparamos com famílias que não conseguem atender as necessidades fundamentais para que esse indivíduo cresça de forma digna. Vale ressaltar que as crianças são seres humanos sujeitos do seu próprio direito. Sendo assim, as leis ajudam no processo de conquista e de proteção de acesso da obtenção da autonomia de maneira mais igualitária.

Um aluno que possui autonomia torna-se um indivíduo proativo, capaz de resolver mais facilmente os problemas, dentro e fora do contexto educacional, e aprende a ser crítico quanto ao que pensa e produz. Nesse sentido, tornou-se ainda mais exposta, no distanciamento social, a fragilidade dos estudantes por não terem o professor e até mesmo os responsáveis, familiares, por perto para ajudá-los na execução das atividades propostas nas plataformas e todas as outras impressas. Somam-se a isso a desigualdade social, falta de recursos tecnológicos e condições de prover internet para que o estudante possa cumprir com a agenda escolar em casa.

Com o ensino remoto, nos sentimos engessados pelas razões que a pandemia exige. Assim, à falta de efetivos investimentos, permanece a sensação de frustração pois, até para encaminhamentos imprescindíveis e urgentes, faltam profissionais e estabelecimentos com operações muito reduzidas. Enfim, materiais e literaturas riquíssimos, mas continuamos com muitas dificuldades para serem superadas.

Precisamos dar espaço para que o aluno construa sua autonomia e para o reconhecimento do deste em seu protagonismo na comunidade escolar e social em que atua. Além disso, a autonomia se desenvolve também com um ensino cada vez mais personalizado. Portanto, o educador precisa identificar quais são as potencialidades de cada estudante e desenvolvê-las através do trabalho pedagógico. Podemos ter como exemplo a seguinte situação, alguns indivíduos gostam mais de falar, outros de escrever, de transformar em canção, poema ou desenho. Cabe ao educador ou à escola como um todo, estimular essa autonomia, identificando também, quais são as particularidades, habilidades e competências de cada um, para que sejam aproveitadas ao máximo essas habilidades.

Conforme consta no glossário online do Centro de Referência de Educação Integral: “A autonomia é um dos pilares da educação integral. Entende-se que para desenvolver todas as potencialidades e dimensões do sujeito, é preciso garantir sua independência dentro do

processo de ensino-aprendizagem”. Muito questionada, a autonomia não faz parte só de uma habilidade ou competência adquirida pela criança, a autonomia é um processo gradual e diário que se estabelece à medida do amadurecimento diário, fazendo escolhas, assumindo responsabilidades, criando hipóteses, ressignificando o ambiente em que se está inserido, utilizando o pensamento crítico e reflexivo, e nesse contexto, ser protagonista da sua própria história. A educação ainda educa para os conceitos, e nossa briga é fazer a educação educar para a vida. As crianças estão se tornando jovens depressivos, ansiosos, desiludidos, cheios de informações, e infelizmente, muitos não sabem o que fazer com essas informações.

Em um trecho do texto "Criatividade e Autonomia em Tempos de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social" (Juliana Berg, Carla Blum Vestena e Cristiana Costa-Lobo) as autoras exploram a importância de se trabalhar a autonomia sem que sejam excluídos os deveres e direitos das crianças e adolescentes, pois um não anula o outro, ao contrário, através da Pedagogia Social é possível desenvolver na integralidade o ser humano, porém, é preciso explorar, em nós mesmos e nas nossas crianças, pensamentos que sejam mais críticos e criativos .

E como dito pelo professor na última aula, na qual com ajuda dos colegas explorou criticamente uma das definições da palavra "autonomia": ser autônomo não significa ser autossuficiente, pois existe uma relação de interdependência com o outro; ou seja, os direitos e as garantias fazem parte do processo da autonomia, a depender de como são apresentadas e apreendidas. A autonomia emocional possibilita que o estudante fique mais seguro de si principalmente quando isso vem sendo trabalhado desde a infância.

Autonomia e motivação andam juntas, é necessário que os estudantes sejam motivados e estimulados. Como Orientadores Educacionais temos a oportunidade de enriquecer os espaços fora da sala de aula, oportunizar as mais diversas experiências aos estudantes, com conexões, inteireza e humanização. Vale ressaltar que ter autonomia nos estudos é algo complexo, principalmente para os estudantes do fundamental I, que necessitam da cooperação dos pais e, infelizmente alguns não tem esse apoio.

Muitas vezes, a forma como dizemos algo é mais importante do que o conteúdo em si. Embora seja comum nos deixarmos levar pela raiva ou qualquer sentimento ruim na hora de falar algo para alguém, é necessário nos policiarmos para não deixar as emoções falarem mais alto do que a mensagem. “Mudar nossos hábitos não é tarefa fácil, mas, aos poucos e com a prática diária, vamos substituindo padrões antigos e nos tornando comunicadores mais

empáticos e flexíveis”.

Devemos ouvir mais e falar menos: Ser um bom ouvinte requer certo treino. “É preciso ter uma mente aberta, livre de julgamentos, e estar disponível para receber o que o outro tem a dizer”. Ficar atento ao que o outro está dizendo, ser acolhedor e certificar de que a outra pessoa está confortável na sua presença. “Focar mais na solução do que no problema. Independente do meio que utilizamos para nos comunicar, seja em nossas relações pessoais ou entre colaboradores, líderes e liderados, estamos propensos ao pré-julgamento ou ao sentimento de inadequação estimulado” por uma crítica.

A forma como nos relacionamos conosco e com os outros tem tudo a ver com padrões de dominação existentes na nossa sociedade bem como com os muitos problemas que estamos enfrentando. Por isso, se o nosso desejo for construir um mundo mais pacífico, colaborativo e sustentável, precisamos mudar o nosso modo de enxergar, escutar e de nos conectarmos uns com os outros. É importante mudarmos primeiro as nossas relações, para depois mudarmos outras questões mais profundas da nossa sociedade.

Nesse sentido, podemos usar a empatia para a nossa crise relacional e para a nossa falta de coletividade, pensando nela como uma possível ferramenta de transformação social.

Lembrando que a transformação que eu desejo precisa começar em mim e por mim. O profissional comprometido com a educação deve sempre estar preocupado em formar seu aluno com uma visão crítica da sociedade, o qual é seu maior objetivo, dando-lhe oportunidade de expressar suas ideias, tornando-o um cidadão ativo e participante na vida social, cultural e política do seu povo. Dessa forma, é importante salientar que a escola já não deve atuar somente com um viés pedagógico, mas deve priorizar também o aspecto social e político que estão presentes no cotidiano escolar.

Além de ela precisar estar em consonância com a realidade do dia a dia, precisa também estar atenta às novas demandas que se instauram a cada dia na sociedade contemporânea. Sendo assim, a escola não estará isolada, visto que não é uma redoma ou uma instituição à parte do âmbito social, ela tem a incumbência de promover a formação plena do educando para que este seja um cidadão crítico, participativo e autônomo.

### **Referências bibliográficas**

AMARAL, Rosemeri; MARTINAZZO, Celso José. Autonomia e complexidade: a construção das aprendizagens humanas. **XVI Seminário de Iniciação Científica.XIII**

Jornada de Pesquisa. IX Jornada de Extensão. Unijuí, 23 a 26 de setembro de 2008.  
Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/689>

BANNE, Ralph Ings. Habermas e a educação. **Cult**. Publicado em 30/03/2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>

BERG, Juliana; VESTENA, Carla Blum; COSTA-LOBO, Cristiana. Criatividade e Autonomia em Tempo de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social**, 9(3e), 2020a. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riejs/article/view/12180>.

PANNUTI, Maísa. A resiliência das crianças em tempos de distanciamento social. **Gazeta do Povo**. Sempre Família. Publicado em: 27/05/2020. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/educacao-dos-filhos/a-resiliencia-das-criancas-em-tempos-de-distanciamento-social/>